

## **SOBRE A SUPERIORIDADE DO ESPÍRITO POSITIVO: ANOTAÇÕES DE LEITURA**

*Giovani Ferreira BEZERRA<sup>1</sup>*

O filósofo Auguste Comte nasceu em 1798, em Montpellier, na França, e morreu em 1857, em Paris, tendo desenvolvido a doutrina filosófica do Positivismo, que se tornaria uma das grandes bandeiras ideológicas – reacionária, para muitos - dos séculos XIX e XX, presente, ainda hoje, nos debates científicos, políticos, sociais e econômicos, a ponto de se falar, por vezes, no neopositivismo. De fato, essa corrente filosófica marcou e ainda marca a constituição das ciências modernas, especialmente as humanas e sociais, representando, de certo modo, o apogeu da racionalidade científica ou da “[...] total renovação mental [...]” (COMTE, 1978, p. 64), que vinha sendo perseguida, na Europa Ocidental, desde o Renascimento Cultural, sobretudo no século XVII, com os filósofos Bacon e Descartes.

Não obstante, já passado algum tempo, o termo Positivismo tem se convertido em mais um clichê acadêmico, utilizado para justificar as mais diversas críticas ao atual modelo científico e social, sem que, de fato, se tenha lido, na Academia, os textos comteanos. Por isso, torna-se necessário compreendê-lo em seus fundamentos, o significa retornar ao trabalho do próprio Comte. Tal é o escopo desta anotação de leitura, que, para tanto, realiza uma breve discussão sobre a denominada *Superioridade Mental do Espírito Positivo*, título da primeira parte do livro *Discurso Preliminar sobre o Espírito Positivo*, datado de 1844, no qual, em três capítulos, o autor lança as bases de seu pensamento sócio-político-filosófico (COMTE, 1978, 2002).

Na parte mencionada do livro, o filósofo descreve a trajetória “histórica” da evolução intelectual da Humanidade e do indivíduo, adotando uma perspectiva linear e evolucionista do conhecimento, que, passaria, sucessivamente, por três estágios teóricos distintos, a saber, o *teológico*, o *metafísico* e o *positivo*. Ao primeiro estágio, correspondem as especulações religiosas e místicas sobre as causas primeiras e destinos finais - portanto, absolutos - pautados, a princípio, no fetichismo; em seguida, no politeísmo e, por fim, no monoteísmo. As explicações sobre a realidade são buscadas no sobrenatural, na imaginação especulativa e na vontade divina. No estágio do conhecimento metafísico, considerado por Comte um

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Doutorando em Educação pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Professor Assistente na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), *campus* de Naviraí. Contato: gfbzerra@gmail.com.

prolongamento do anterior e transitório para a emergência da fase positivista na “História”, observa-se que:

Como a teologia, a metafísica tenta, antes de tudo, explicar a natureza íntima dos seres, a origem e o destino de todas as coisas, o modo essencial de produção de todos os fenômenos. Mas, em vez de empregar para isso agentes sobrenaturais propriamente ditos, ela os substitui progressivamente por essas *entidades* ou abstrações personificadas, cujo uso, verdadeiramente característico, permitiu muitas vezes designá-las sob o nome de *ontologia* (COMTE, 1978, p. 46, grifos no original).

No período metafísico, a imaginação começa a sofrer os limites pensamento lógico-racional, mas ainda de modo confuso, com a hipertrofia da argumentação retórica em detrimento da observação sistemática. Formam-se, assim, as leis invariáveis e absolutas da *natureza*, a qual se converte na entidade geral das especulações e abstrações metafísicas, substituindo a Providência divina de outrora. Como lembra Comte (1978, p. 46), “Não é mais a pura imaginação que domina, embora não seja ainda a verdadeira observação. Mas o raciocínio adquire muita extensão e se prepara confusamente para o exercício verdadeiramente científico”. A Escolástica Medieval pode ser considerada, pois, a síntese europeia desse estágio, o qual, apesar dos limites, foi, na acepção comteana, importante por “[...] manter certo exercício indispensável para o espírito de generalização, até que ele possa enfim receber melhor alimento” (COMTE, 1978, p. 46).

Ora, para Comte, esse alimento vem com o último degrau dessa “escada” hierárquica do conhecimento, o estágio positivo, em que a inteligência humana aparece emancipada das especulações metafísico-teológicas, constituindo o que ele chama de “sã filosofia”. É como se, chegado a esse ponto, o saber tivesse atingido sua maturidade e cientificidade plenas no Homem. A evolução intelectual chega a seu termo; encerra-se a marcha progressiva do espírito humano em direção ao conhecimento racional, típico do homem adulto, detentor da virilidade mental. Nesse sentido, cumpre lembrar que, para o pensador, a fase teológica corresponderia à infância da inteligência da Humanidade e do homem; o período metafísico, à sua juventude; a fase positivista, “[...] ao estado viril de nossa inteligência” (COMTE, 1978, p. 04).

Diante dessa exaltação ao conhecimento positivo, Comte se detém a maior parte do texto considerado, ressaltando suas vantagens em detrimento das formas anteriores de apreensão e compreensão da realidade. E, nesse ponto, revela uma perspectiva teleológica e



progressiva da Histórica e da Ciência, como se ambas sempre tivessem caminhado sempre para encontrar e realizar, de forma predestinada e obstinada, o “espírito positivo”, embrionário nas etapas anteriores da Humanidade. Por isso, lida com conceitos e ideias típicos do evolucionismo do século XIX, então em voga, tais como civilização, estados e hierarquias de conhecimento, progresso, ordem, evolução, raças mais e menos avançadas, espécie, entre outros.

Partilhando desse pensamento, a questão desafiadora, para o filósofo, seria elevar toda a Humidade ao estado positivo, embora reconhecesse que, nos termos da época, “A maioria de nossa espécie ainda não saiu de tal estado [o teológico-politeísta], que persiste hoje entre as mais numerosas das três raças humanas, além da elite da raça negra e a parte menos avançada da raça branca”. Tal filosofia positiva se distingue desses estágios anteriores porque, embora não abandone a especulação, esta toma como referência a observação sistemática e o modelo de racionalidade herdado de nomes como Bacon, Descartes, Kant, Galileu, Kepler e outros, notórios pelas investigações científicas físico-matemáticas que realizaram, com base nos métodos dedutivo e/ou indutivo, sob a égide da lógica formal. Segundo explica o filósofo,

Seja qual for, porém, o modo, racional ou experimental, de proceder à sua descoberta, é sempre de sua conformidade, direta ou indireta, com os fenômenos observados que resulta exclusivamente sua eficácia científica. A pura imaginação perde assim irrevogavelmente sua antiga supremacia mental, e se subordina necessariamente à observação, de maneira a constituir um estado lógico plenamente normal, sem cessar, entretanto, de exercer, nas especulações positivas, ofício capital e inesgotável, para criar ou aperfeiçoar os meios de ligação definitiva ou provisória. Numa palavra, a revolução fundamental, que caracteriza a virilidade de nossa inteligência, consiste essencialmente em substituir em toda parte a inacessível determinação das causas propriamente ditas pela simples pesquisa das *leis*, isto é, relações constantes que existem entre os fenômenos observados. (COMTE, 1978, p. 47-48, grifo no original).

É por essa razão que, ao longo de toda essa parte, Comte relaciona a trajetória de sua ciência positiva aos caminhos trilhados pela Astronomia, que teria passados pelas distintas fases de conhecimento, com possibilidades promissoras para nortear sua filosofia e as “sãs” especulações. Assim caracterizada, a ciência positiva poderia se colocar como a base técnica racional, “madura” e ordenada da ação humana, caracterizada, ainda, pela previsibilidade metódica de suas leis. Não seria interesse imediato da investigação científica apreender o mistério de produção dos fatos gerais, tampouco acumular vã erudição, sem o estabelecimento de leis e relações lógico-empíricas sobre estes. Ao contrário, “[...] o verdadeiro espírito positivo consiste sobretudo em *ver para prever*, em estudar o que é, a fim de concluir disso o



que será [...]” (COMTE, 1978, p. 49, grifos no original), restringindo “[...] todas as nossas especulações às pesquisas verdadeiramente acessíveis, considerando essas relações reais [...]” (COMTE, 1978, p. 49). Logo, “[...] o espírito positivo, tomando um caráter cada vez mais sistemático, substitui paulatinamente ao dogma das causas finais o princípio das *condições de existência*”. (COMTE, 1978, p. 60, grifos no original).

Também dessa perspectiva, o bom senso difuso na sociedade não deve ser desprezado pelo cientista e pelo filósofo, mas se deve trabalhar no intuito de sistematizá-lo e desenvolvê-lo, porquanto “[...] o verdadeiro espírito filosófico consiste sobretudo na extensão sistemática do simples bom senso a todas as especulações verdadeiramente acessíveis” (COMTE, 1978, p. 62). E, nessa linha de raciocínio, continua o autor pontuando que

Desse modo, muito longe de pôr em questão o que esta [a sabedoria universal] verdadeiramente decidiu, as sãs especulações filosóficas devem sempre tomar emprestado da razão comum suas noções iniciais, para lhes fazer adquirir, graças à elaboração sistemática, um grau de generalidade e de consistência que não poderiam obter espontaneamente. (COMTE, 1978, p. 62).

Essa harmonia entre o bom senso universal, a arte e a ciência leva, no projeto comteano, à constituição da própria moral e sociologia positivas, que se equilibram entre o estático e dinâmico, a fim de se garantir, na sociedade, a ordem e o progresso; a constância das relações sociais e o crescimento econômico, com avanços científicos; a estabilidade e a atividade controlada. Homem dos primórdios da Revolução Industrial, Comte concebia, portanto, a necessidade de progresso técnico, de intervenção humana planejada na realidade e de superação dos resquícios da filosofia teológica. Com isso, dá continuidade à lógica do método cartesiano, ao defender que o espírito positivo se eleva do simples ao complexo, de forma gradativa, de tal modo que os “[...] simples fatos gerais [...] devem sempre sofrer a tendência de reduzi-los ao menor número possível [...]” (COMTE, 1978, p. 52), em contraposição ao espírito teológico, que pretendia abarcar de uma só vez as mais complexas questões.

Nesse contexto, o regime de industrialização recente impunha uma nova forma de contato social entre os homens, de forma que “Fazendo prevalecer cada vez mais a vida industrial, a sociabilidade moderna deve, pois, poderosamente secundar a grande revolução mental, que hoje eleva definitivamente nossa inteligência do regime teológico ao regime positivo” (COMTE, 1978, p. 56). Este levaria à plena comunhão intelectual entre os indivíduos e, assim, à coesão social, sendo, portanto, mais eficaz que os estados anteriores na

agregação da sociedade, mediante a convergência racional entre interesses individuais e coletivos. Nos dizeres de Comte:

Uma apreciação direta e especial [...] faz aliás perceber facilmente que a filosofia positiva é a única capaz de realizar gradualmente esse nobre projeto de associação universal, que o catolicismo tinha, na Idade Média, prematuramente esboçado, mas que era, no fundo, necessariamente incompatível — como a experiência constatou plenamente — com a natureza teológica de sua filosofia, a qual instituiu uma coerência lógica muito fraca para comportar essa eficácia social (COMTE, 1978, p. 54).

Cumprido dizer, por fim, que é nesse sentido geral de eficiência e eficácia do conhecimento que Comte utiliza o termo Positivismo, com o qual batiza sua filosofia. Explorando a acepção do vocábulo *positivo* desde o senso comum e seus usos cotidianos mais antigos, o autor ratifica o significado de sua teoria, considerada, por ele, aquela que trabalha com o real, em oposição ao quimérico; o útil em contraste com o ocioso; que estabelece primazia da certeza sobre a indecisão; a precisão, em vez da vaga especulação e das divagações do espírito teológico-metafísico; a autoridade da ciência previsível, com suas leis e métodos para organizar logicamente as realidades social, política e natural, contra a autoridade sobrenatural e a onipotência divina.

Por fim, cabe, nesta anotação de leitura, ressaltar o fato de que o Positivismo, ao contrário da versão caricata que, hodiernamente, circula na Academia, não se confunde com mero empirismo e/ou pragmatismo, ainda que os contenha. A ideia de um Positivismo muito afeito a empirias, testes científicos, experimentos e aplicabilidade imediata da ciência, com o desenvolvimento de novas técnicas de manipulação dos fenômenos naturais e sociais, contra qualquer forma de conhecimento especulativo, dedutivo e abstrato, não encontra, de todo, respaldo no pensamento de Comte. Sua proposta filosófica pretende ir além desse saber técnico-empírico e utilitarista, a fim de forjar uma nova organicidade social, tanto que lança as bases da Sociologia nascente neste tratado.

Em uma passagem, o filósofo adverte que “Importa, pois, bem sentir que o verdadeiro espírito positivo não está menos afastado, no fundo, do empirismo do que do misticismo” (COMTE, 1978, p. 49). Além disso, contra a simples experimentação e compilação de fatos não sistematizados em um conjunto de leis científicas deduzidas e previsíveis, ressalta que “[...] a verdadeira ciência, longe de ser formada por simples observações, tende sempre a dispensar, quanto possível, a exploração direta, substituindo-a por essa previsão racional que constitui, sob todos os aspectos, o principal caráter do espírito positivo [...]” (COMTE, 1978,



p. 49). Essa perspectiva é a reforçada no trecho seguinte, que também evidencia sua postura em relação ao pragmatismo, que já no século XIX, sob os auspícios do regime industrial, avançava sobre a ciência. Desse modo, para Comte,

A pura erudição, onde os conhecimentos, reais, mas incoerentes, consistem em fatos e não em leis, não poderia evidentemente bastar para dirigir nossa atividade. [...]. É verdade que a preponderância exorbitante consagrada agora aos interesses materiais muitas vezes levou a compreender essa ligação necessária de modo a comprometer gravemente o futuro científico, tendendo a restringir as especulações positivas às únicas pesquisas de utilidade imediata. Mas essa cega disposição resulta apenas duma maneira falsa e estreita de conceber a grande relação da ciência com a *arte*, na falta de se ter suficiente e profundamente apreciado uma e outra. (COMTE, 1978, p. 54-55, grifo do original).

Por fim, importa refletir que, apesar de sua crítica às doutrinas teológicas e metafísicas, o entusiasmo de Comte quanto à ciência positiva o faz cair também, nos domínios da metafísica, ao tornar essa mesma ciência a razão de ser de toda Humanidade, seu fim último, já previsto, de forma elementar, desde tempos remotos, embora sistematizada apenas nas condições do progresso material e intelectual do século XIX. As potências científicas são, pois, o novo motor da História, o único válido e eficaz, por ser “[...] o regime definitivo da razão humana” (COMTE, 1978, p. 43), representando o ápice da civilização moderna. Assim sendo, o espírito positivo a que Comte alude parece se converter, também, em uma entidade metafísica, que se torna onipresente e onipotente a seu modo, digna de contemplação pela sua superioridade. Nas palavras do autor,

Ora, é evidente que, sob esse aspecto fundamental, a filosofia positiva comporta, necessariamente, entre os espíritos preparados, uma aptidão muito superior àquela que alguma vez pôde oferecer a filosofia teológico-metafísica. Ainda que esta seja considerada na época de sua maior ascendência ao mesmo tempo mental e social, isto é, no estado polítíco, a unidade intelectual se encontrava certamente constituída duma maneira muito menos completa e estável que vai lhe permitir proximamente a preponderância universal do espírito positivo, quando se estenderá, por fim, habitualmente às mais eminentes especulações. Então reinará com efeito, por toda parte, sob diversos modos e diferentes graus, essa admirável constituição lógica, cujos estudos mais simples hoje apenas podem nos dar uma idéia justa, onde a ligação e a extensão, cada uma plenamente garantida, se encontrem, além do mais, espontaneamente solidárias. (COMTE, 1978, p. 51).

Essa concepção essencialista da ciência comteana e sua crença taumatúrgica na lógica da razão positiva, bem como na neutralidade e universalidade científicas, é um ponto a ser criticado em mais profundidade, a fim se compreender suas implicações para o modelo científico atual, que segue endeusando as ciências exatas e físico-naturais, ao mesmo tempo

em que submete, aos parâmetros destas, as ciências humanas e sociais. Realizar essa crítica ao Positivismo e à sua (meta)física absoluta é uma tarefa a ser empreendida na atualidade, se se busca ampliar o conceito de ciência, reconhecendo seus limites, possibilidades e interfaces com outras formas de conhecimento, além do reconhecimento da dimensão subjetiva e histórico-social que todo saber comporta.

## Referências

COMTE, Auguste. Discurso sobre o Espírito Positivo: primeira parte. In: GIANNOTTI, José Arthur (Org.). *Comte*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 42-65.(Coleção Os Pensadores).

COMTE, Auguste. Superioridade Mental do Espírito Positivo. In: COMTE, Auguste. *Discurso Preliminar sobre o Espírito Positivo*. [S.l.]: Ridendo Castigat Mores, 2002. p. 22-93. (e-book). Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/comte.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2015.